

## **Economia criativa e a inovação disruptiva na noosfera em complexidade**

## **Creative economy and disruptive innovation in the noosphere in complexity**

*Romilson Marco dos Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** *Este ensaio teórico visa discutir em que medida a problemática da noosfera em complexidade evidencia a transmutação da Economia Criativa. Nota-se que tal perspectiva sugere o seguinte questionamento: como a Economia Criativa se estabelece em uma noosfera em constantes inovações disruptivas? Não parece evidente que está no cerne do desafio da Economia Criativa pensar novos modos de gestão e criatividade adaptados a esse novo paradigma emergente dotado de inevitável complexidade. Nesse sentido, ela se insere em uma urgente transmutação nos modos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos.*

**Palavras-chave:** *Economia criativa; indústrias criativas; inovações disruptivas; complexidade; consumo*

**ABSTRACT:** *This theoretical essay aims to discuss to what extent the problem of the noosphere in complexity evidences the transmutation of the Creative Economy. Note that such a perspective suggests the following question: how does the Creative Economy establish itself in a noosphere in constant disruptive innovations? It does not seem evident that it is at the heart of the challenge of the Creative Economy to think of new modes of management and creativity adapted to this new emerging paradigm endowed with inevitable complexity. In this sense, it is inserted in an urgent transmutation in the modes of production, circulation and consumption of symbolic goods.*

1 Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). <https://orcid.org/0000-0003-3433-8723> E-mail: romilsonmarco@gmail.com

**Keywords:** *creative economy, creative industries, disruptive innovations, complexity, consumption.*

## Introdução

O termo Economia Criativa é uma expressão advinda da área econômica. De fato, a área da cultura, das artes e do entretenimento, antes vista em uma perspectiva marginal para o desenvolvimento econômico, até mesmo não contabilizada como potencial para tal desenvolvimento, enceta, agora, aos olhos da economia, que seja capaz de se evidenciar uma indústria com potencial estratégico e de contribuição financeira às nações. Cabe fazer notar que a expressão Economia Criativa sobreveio da constatação da contribuição dessa área criativa para a economia europeia. Segundo GREFFE (2015), no Reino Unido, na França, na Finlândia e na Itália, essa área é a que mais contribui para a economia desses países. A partir de 1997, o Reino Unido estabeleceu, engendrado pelo DCMS (Departamento de Cultura, Mídia e Esporte), um relatório, no qual especificou quais eram essas indústrias: publicidade, artes e antiguidades, artesanato, *design*, moda, filme e vídeo, música, artes cênicas, editoras, *software*, televisão e rádio, videogames e jogos de computador (RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA 2010; 2012). Tal classificação é ratificada pela UNCTAD – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

Todavia, a partir da década de 1990, evidencia-se a averiguação de uma problemática de complexidade, a qual insere essas indústrias em uma constante e crescente atmosfera de extrema incerteza. Assiste-se, então, a emergência de conceitos como globalização, Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0, multiculturalidade, cultura participativa, interatividade, economia digital, economia da atenção, capitalismo cognitivo, sociedade pós-industrial, inteligência artificial, internet das coisas, *Big Data*, metaverso, cibercultura, ciberespaço, plataformas de mídias digitais, redes sociais digitais. De fato, o que está em jogo agora é em que medida aquelas indústrias da cultura tradicional apontadas, inicialmente, irão se estabelecer diante dessa problemática de complexidade. Não surpreende, portanto, que se faz urgente uma evolução dessa indústria a fim de que não se sucumbam a tal complexidade.

Por certo, ao circunscrever em seu bojo, de modo cada vez mais intenso, observa-se, assim, que se faz urgente um questionamento à Economia Criativa: Como se estabelecer em uma noosfera em constantes inovações disruptivas? De fato, estamos entrando na *era noética*. “(...) novo paradigma que surge a nossa frente, em especial na forma de sociedade do conhecimento e da informação e em substituição à era ‘moderna’ (e a sociedade industrial)” (HALÉVY, 2010, p. 37). Importa salientar, com efeito, que, nesse novo paradigma, faz-se urgente a construção de um novo mundo. Novas indústrias e empresas criativas, segundo as quais coadunem com esse novo paradigma, precisam emergir. Por certo que a “revolução *noética* (do grego *noos*: espírito, inteligência, conhecimento) exprime essa passagem, esse salto, essa ponte entre a sociosfera e a noosfera” (HALÉVY, 2010, p. 14). Trata-se, certamente, que ao contrário da reprodução em série, a inovação se estabelece como tendência mais coerente. “A nova riqueza será cognitiva e cultural, imaginativa e artista: o capital essencial de amanhã será o talento, a inteligência, a memória, a intuição, a imaginação” (HALÉVY, 2010, p. 22). É de todo evidente que os sintomas dessa nova era, ou seja, a complexidade da vida coletiva, requer respostas que superem a criatividade simplista e burocrática. É, assim, aliás que profissões emergentes, ditas do imaterial, estão surgindo.

De imediato fica evidente que as empresas de criação são as que fomentam essas profissões do imaterial, as quais logo serão denominadas indústrias criativas. “A finalidade de uma empresa de criação é criar, isto é, gerar informações novas, soluções originais, respostas inéditas. Seja ela de vocação científica (um laboratório de pesquisa ou uma *software house*), ouseja artística (um ateliê de moda ou uma agência de publicidade), o novo (que deve ser adequado) é sua finalidade central” (HALÉVY, 2010, p. 139).

Portanto, o objetivo desse ensaio teórico é discutir: em que medida a problemática da noosfera em complexidade evidencia uma transmutação na própria Economia Criativa? Não parece evidente que está no cerne do desafio da Economia Criativa pensar novos modos de gestão

e criatividade adaptados a esse novo paradigma emergente dotado de inevitável complexidade.

Nossas linguagens naturais tão lineares, tão hierarquizadas, tão codificadas, tão unívocas, também devem ser completadas e superadas por novas metalinguagens poéticas, metafóricas e simbólicas, aptas a assumir a globalidade, a fluidez, a rapidez e a imprecisão das situações e dos processos complexos (HALÉVY, 2010, p. 15).

Nesse sentido, a Economia Criativa se insere em uma urgente transmutação nos modos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos da sua própria noosfera. Para tanto, busca-se apreender a noosfera em complexidade; a problemática de complexidade advinda dela; como a complexidade está fomentando inovações disruptivas na noosfera e de que modo elas podem suscitar, na Economia Criativa, a dilatação da área de abrangência através de produtos e formatos inauditos.

### **Noosfera em complexidade**

É preciso notar, sobretudo, que é comum se falar que estamos na era do conhecimento. Ora, parece evidente que estamos, efetivamente, no estágio da noosfera em complexidade. Parece-nos, porém, a necessidade de apreender, primeiramente, o que é a noosfera. “Termo introduzido por Teilhard de Chardin, em *O Fenômeno Humano*, que designa o mundo das ideias, dos espíritos/mentes, dos deuses, entidades produzidas e alimentadas pelos espíritos humanos na cultura” (MORIN, 2003, p. 303). Assim sendo, nas palavras do próprio criador do termo.

É verdadeiramente uma camada nova, a ‘camada pensante’, exatamente tão extensiva, mas muito mais coerente ainda, como veremos, do que todas as camadas precedentes, que, após ter germinado no Terciário declinante, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma Noosfera (TEILHAR DE CHARDIN, 1970, p. 190-191).

A realidade objetiva da noosfera, assim, emerge com relativa autonomia, ao mesmo tempo que determina os valores e normas da cultura.

“A noosfera é uma duplicação transformadora e transfiguradora do real que recobre o real e parece se confundir com ele. A noosfera envolve os seres humanos ao mesmo tempo que faz parte deles. Sem ela, nada do que é humano poderia realizar-se” (MORIN, 2003, p. 44). Ela como meio condutor e mensageiro do que essa sociedade engendra, instala um sistema de signos de indubitável complexidade.

Cabe fazer notar que essa noosfera, por estar em uma atmosfera de alta complexidade, suscita, portanto, inovações disruptivas constantemente. Fomentando, assim, uma cultura cada vez mais complexa. “Nesse sentido, a noosfera está presente em toda visão, concepção, transação em cada sujeito humano com o mundo exterior, com os outros sujeitos humanos e, enfim, consigo mesmo” (MORIN, 2011, p. 140). Parece evidente que sem a apreensão dos mecanismos da noosfera, a Economia Criativa se estabelece em um ostracismo criativo do que efetivamente compõe a noosfera. Trata-se, certamente, de um estranhamento e distanciamento da dinâmica criativa da noosfera e, por conseguinte, um anacronismo criativo da Economia Criativa.

O surgimento do novo na noosfera, assim como na biosfera e na sociosfera, é marginal, aleatório, ameaçado, incerto, por vezes clandestino. É necessário que a nova ideia possa implantar-se antes de encontrar as condições favoráveis ao seu desenvolvimento e difusão. Então acontecem as cismo-morfogêneses em que o ramo desviante de uma ortodoxia se diferencia, separa-se e organiza-se segundo novos princípios nucleares (MORIN, 2011, p. 187).

De imediato fica evidente a urgência da Economia Criativa assimilar os mecanismos de criação do novo na noosfera. Seria, pois, constatar que exista uma outra existência criativa, extremamente eficaz, capaz de engendrar a novidade. Não surpreende, portanto, que o desafio da Economia Criativa é adquirir uma consciência de se dobrar sobre essa noosfera e torna-se parte da complexidade nela intrínseca. Em outras palavras, se engendrar também a partir de sucessões descontínuas de planos e de instabilidades. Formando, portanto, representações sígnicas

e experiências que se enlaçam e se consolidam num conjunto consistente de evolução da mesma noosfera. Assim sendo:

É nas condições de dialógica aberta (comportando trocas muito ‘quentes’ no comércio das ideias e dos conhecimentos) que os desvios podem enraizar-se e transformar-se, depois, em tendências. Como vimos inúmeras vezes, a evolução inovadora (criadora) sempre se consuma pela transformação de desvios em tendências (MORIN, 2011, p. 38).

Importa salientar, com efeito, que a transformação de desvios em tendências ocasiona uma nova ordem simbólica criativa. Logo, o desviante se comporta como inovador. Pretende-se, assim, ratificar a aproximação entre complexidade e inovações disruptivas, na medida em que a complexidade estabelece inúmeras interações heterogêneas, antagônicas, as quais se inserem em uma potência desviante extremamente vigorosa. A contradição advinda dessa potência determina uma abertura para o questionamento, da investigação do desconhecido, da emergência de uma visão de mundo mais complexa. Nessa emergência o diálogo do pluralismo suscita a multiplicação de rupturas no interior das deliberações culturais, franqueando, portanto, a emergência do novo.

Anomias, desvios, incertezas, insatisfações, aspirações, contradições vividas podem associar-se em uma espécie de força capaz de gerar turbilhões, que corrói cada vez mais profundamente a base do conhecimento estabelecido, determinando assim uma radicalização crescente do pensamento. A partir daí, o pensamento radicalizado ataca o fundamento das teorias, os axiomas considerados evidentes, ou mesmo os paradigmas ocultos que governam a organização das ideias. Assim se encontram reunidas as condições subjetivas/objetivas para uma eventual revolução do pensamento, que institui novos fundamentos ou axiomas e transforma os paradigmas (MORIN, 2011, p. 62-63).

Importa salientar, com efeito, que exista uma reorganização profunda, em bases complexas, que muda o engendramento criativo. Essas rupturas e abalos, no modo criativo, suscitam desvios que ensejam inovações disruptivas. Logo, ocasionando novas ordens simbólicas criativas na noosfera.

## A problemática de complexidade

Este tópico visa, portanto, discutir a problemática de complexidade como uma atmosfera que evidencia a emergência de inovações disruptivas na noosfera. De fato, ela denota as inúmeras interações fomentando um atritar de fronteiras criativas na iminência de explosões criativas. “E quanto mais complexo, mais seu todo supera de longe as partes e mais se torna autônomo e imprevisível, porque escapa cada vez mais dos determinismos mecânicos” (HALÉVY, 2010, p. 11-12). Sendo assim, denuncia-se que nela estão intrínsecos fatores e questionamentos, os quais propõem uma concepção privilegiada da constatação de uma indubitável e revolucionária transmutação da noosfera. Por certo, a problemática de complexidade evidencia que quanto mais complexo, mais diverso, existem mais interações, mais acasos, mais encontros inesperados, ou seja, uma atmosfera propícia para a emergência do novo. “Estas zonas de fronteiras, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como ‘interculturais’, não apenas locais de encontros, mas também sobreposição ou intersecções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente” (BURKE, 2003, p. 73). Tal perspectiva ratifica a necessidade de uma transmutação da Economia Criativa. Ora, parece evidente que a transmutação da noosfera acarreta uma urgente transmutação também nos modos de gestão e de criatividade da própria Economia Criativa. Nota-se, portanto, que se está em uma transição para um novo mundo.

Pensar a transição corresponde também a reconhecer os esgotamentos dos paradigmas, sua impotência para explicá-la e compreendê-la. Da mesma forma é reconhecer a nulidade política das ideologias, todas estioladas no conservadorismo ou esterilizadas pelo extremismo desorientado. O novo se formará com o amadurecimento dos processos emergentes, ultrapassadas as barreiras evolutivas, criando, então, as condições objetivas que permitirão desenhar o quadro institucional da nova era (ABRANCHES, 2017, p. 17).

Os paradigmas até então válidos à orientação estão em declínio. Todavia, um novo paradigma ainda está em construção. Contudo, “estamos



no limite do esgotamento e os mecanismos de decisão ainda se mantêm conservadores” (ABRANCHES, 2017, p. 42). Nota-se que tal atmosfera provoca um efeito desestabilizador de movimentos imprevisíveis. É de tal modo que os desafios dessa realidade se multiplicam para a indústria da cultura tradicional. Pode-se, nesse momento, apenas captar tendências incipientes que nos orientem. Não obstante, “com os padrões em aberto e as estruturas em fluxos podemos ousar orientar nossas ações e atitudes por novas ideias” (ABRANCHES, 2017, p. 14). É dessa forma que essa transição acarreta mudanças com efeitos disruptivos na estrutura dos modos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. Cabe fazer notar que a velocidade de penetração das novas tecnologias de informação e comunicação suscita uma mudança comportamental que afeta toda a noosfera. Seria, pois, como uma mutação constante.

Essas singularidades, típicas desse momento da grande transição, liberam irreversivelmente forças que estavam represadas e que levam a rompimentos. Ao final, quando a transição passa seu ponto de ruptura e a nova ordem se instala completamente, o mundo visível vai perdendo suas condições de viabilidade e o mundo que surge não é mais uma utopia ou uma especulação entre a ciência e a ficção. Nesse ponto, as expectativas que têm fundamento no novo adquirem poder de orientar a ação coletiva (ABRANCHES, 2017, p. 31).

Existe, portanto, um estranhamento entre os modos de produção simbólica vigentes e a complexidade da noosfera. Quanto mais as indeterminações e imprevisibilidade aumentam, mais urgente se faz esses novos arranjos. Quanto mais se evidencia um incremento na margem de autonomia dos indivíduos forças de estruturas emergentes se fazem presentes. É dessa forma que as criatividade desviantes se comportam como iniciativas implosivas às estruturas vigentes. De fato, em uma sociedade em rede, cuja cultura colaborativa faz com que ações criativas, relativamente desviantes e isoladas, assumam um potencial disruptivo, à medida que se propagam em escala global.

Todo dia emerge um evento inédito, inesperado, que não estava no mapa de previsões. Nossas previsões são lineares. O que projetamos para o

futuro é desdobramento do que conhecemos, do que já vivemos. A mudança pela qual passamos não é linear, nem a continuidade ampliada do que temos. É disruptiva. Caótica. Estamos no limiar do caos, entre a ordem que desvanece e o que aparece como aleatório. Estamos nas fronteiras da máxima complexidade (ABRANCHES, 2017, p. 24-25).

É bom que se note, antes de mais nada, que a complexidade da contemporaneidade se estabelece justamente pela intensidade das interações, cujo efeito é o aumento das instabilidades e mutações. “Como vimos, há uma hierarquia instável, permutável, rotativa” (MORIN, 2003, p. 123). As plataformas digitais e, por conseguinte, as redes sociais digitais intensificaram as interações, ocasionando, portanto, uma efervescência do inesperado. De fato, a atmosfera rizomática propicia um atritar de fronteiras criativas, cuja explosão criativa é uma questão de tempo. Trata-se, sobretudo, de uma atmosfera na iminência das inovações disruptivas.

(...) toda ação individual pode ter um potencial de rompimento ou inovação insabido. Principalmente após a disseminação das redes e mídias digitais. O surgimento inesperado de lideranças, o efeito desproporcional de vanguardas rebeldes, o impacto disruptivo imprevisível de ideias e inovações mostram como a iniciativa de indivíduos e grupos de indivíduos têm importância na história do futuro (ABRANCHES, 2017, p. 69).

Não parece evidente que nesse movimento cria-se um diálogo coletivo, polifônico e desviante. Novas linhas de influência e processos cognitivos estão sendo engendrados à margem do sistema estrutural convencional. Nessa medida, ao atentar para as margens, vislumbra-se o não visto, o impensado, o inaudito. Nota-se, portanto, que é nessa atmosfera de jogos de improviso e de experimentações livres que as inovações emergem.

Poderia ser, todavia, ao termo desse percurso, se deixar entrever algo como a apreensão dessa problemática de complexidade à Economia Criativa. Importa salientar, com efeito, que existam alguns outros motivos para a urgente necessidade dessa transmutação à Economia Criativa. De fato, a incorporação desses grupos socioculturais, nascidos

das mudanças de valores, mestiçagens e da mobilidade global, requerem a sua participação na constituição da noosfera da Economia Criativa. É preciso notar, sobretudo, que, nesse sentido, a própria noosfera se torna cada vez mais complexa. Relações sociais complexas, interações complexas, criatividade cada vez mais complexa. “A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual” (MORIN, 2003, p. 166). De fato, “a alta complexidade social favorece as autonomias individuais; limita a exploração, restringe a subjugação, permite a autonomia física, mental e espiritual e, quando há democracia, a liberdade das escolhas políticas” (MORIN, 2003, p. 274).

Nesse sentido, faz-se necessário questionar em que medida a Economia Criativa também se insere nessa contribuição. “A contínua aceleração da tecnologia é a consequência e o resultado inevitáveis do que chamo de Lei dos Retornos Acelerados, que descreve a aceleração do ritmo e o crescimento exponencial dos produtos de um processo evolutivo” (KURZWEIL, 2018, p. 55). Atentar para essa atmosfera revela que “o radicalmente novo está fora do alcance da visão consolidada do centro. Com a visão periférica ampla é possível atravessar fronteiras e buscar novos paradigmas. Em muitos aspectos, o futuro se desenha nas periferias, não no centro” (ABRANCHES, 2017, p. 308). É assim, aliás, que os novos paradigmas criativos intrínsecos à periferia da noosfera estão também fomentando o radicalmente novo. Nas palavras de APPADURAI (1996), a nova economia global cultural tem que ser vista como uma ordem complexa, sobreposta, disjuntiva, a qual tem que ser compreendida como múltiplos centros e múltiplas periferias.

### **Inovações disruptivas na noosfera em complexidade**

Pretende-se aqui uma aproximação de uma parcela que se faz presente na obra *Mecanismos imprevisíveis da cultura*, de Lotman (2021), e o modo, segundo a qual, a noosfera em complexidade fomenta esses frutos disruptivos, cujas reverberações obrigam uma urgente transmutação

ARTIGO

da Economia Criativa. De fato, tal relação se estabelece na medida em que Lotman afirma que qualquer processo, o qual suscite um aumento na quantidade de interações, será uma atmosfera imprevisível. Essa engendra, portanto, explosões, as quais preconcebem inovações disruptivas. “O critério que nos permite definir um processo como explosivo situa-se em outro plano. Encontra-se na imprevisibilidade essencial do evento. Os eventos que ocorrerão e os que não ocorrerão serão, no momento da explosão, variantes e poderão facilmente substituírem uns aos outros” (LOTMAN, 2021, p. 209). A noosfera em complexidade, assim, está imersa em um pluralismo de valores, uma atmosfera de dialógica aberta com trocas intensas, as quais ratificam esse nível de imprevisibilidade. Essas inúmeras interações heterogêneas, antagônicas se comportam como uma potência desviante de extremo vigor de instabilidade e mutação.

Assim sendo, a complexidade fomenta cada vez mais interações, mais acasos e mais acontecimentos inesperados. Anomias, desvios, incertezas e insatisfações geram um turbilhão que nos coloca em estado de explosão. “O comportamento futuro em situações explosivas e imprevisíveis encontra-se, por princípio, fora da experiência. Não é a experiência prévia que nos sustenta aqui, mas a capacidade de manter a confiança diante do imprevisível” (LOTMAN, 2021, p. 226). Importa salientar, com efeito, a necessidade de transmutação nos modelos de gestão e criatividade devido ao caráter imprevisível da noosfera em complexidade, uma vez que a experiência prévia sucumbe a tal atmosfera. Logo, uma abertura para o questionamento, investigação do desconhecido e a emergência de uma nova visão criativa mais complexa. Nota-se, portanto, uma corrosão na base do conhecimento criativo estabelecido. Quanto mais complexo, mais autônomas e imprevisíveis são as relações criativas. Tais relações fomentam uma ruptura, e a emergência de uma nova ordem criativa se instala. Uma ordem que não se estabelece em hierarquias rígidas, pelo contrário, hierarquias instáveis, permutáveis e rotativas, mas sobretudo processos assimétricos.

Ora, parece evidente que a inovação disruptiva sempre se revela pelos processos assimétricos advindos dessa atmosfera.

Novos são os processos assimétricos de estados de não equilíbrio e, portanto, responsáveis pelo acionamento de ‘mecanismos para a produção dinâmica de novas ideias’. Diferentemente dos processos simétricos que dominam o mundo, os produtos assimétricos constituem o domínio do humano e também sua necessidade de, por meio da arte, operar e estruturar ‘recombinatórias semânticas inesperadas, que eram talvez impossíveis ou proibidas em um estágio anterior’, o que revela o deslocamento para um novo nível de complexidade (MACHADO, 2021, p. 56).

De fato, o impacto disruptivo e imprevisível de ideias e inovações emerge de iniciativas de indivíduos ou de grupos de indivíduos, potencializadas, agora, pelas plataformas de mídias digitais e pelas redes sociais digitais. Não parece evidente que nesse movimento cria-se um diálogo coletivo, polifônico, desviante e explosivo. “Isto está ligado ao fato de que a própria explosão envolve uma esfera que estava anteriormente situada fora dos limites da cultura dada, e para a qual não há caminhos conhecidos” (LOTMAN, 2021, p. 97).

Diametralmente a esse movimento, as indústrias da cultura tradicional se inserem, ainda, nas possibilidades reiteradas, na cultura já dada. Um processo cíclico e gradual. “Processos cíclicos e que evoluem gradualmente não levam a situações imprevisíveis. Situações previsíveis não podem dar origem a algo novo. Pode-se dizer que a novidade é o resultado de situações essencialmente imprevisíveis” (LOTMAN, 2021, p. 93). A transgressão do seu caráter periférico, dilatado pelas interações das plataformas de mídias digitais, fomenta movimentos de desequilíbrios e estados de instabilidade e indefinições imprevisíveis. Seria, pois, como o rudimento de uma explosão.

O momento de explosão não é apenas o ponto em que novas possibilidades tomam forma, mas também o momento de criação de outra realidade, de deslocamento e de reinterpretação da memória. É preciso, no entanto, considerar o fato de que as explosões nas profundezas de uma cultura podem ser de força variável e podem abranger diferentes partes do espaço

cultural. Algumas permanecerão como eventos locais, deixando seu rastro em processos particulares, enquanto outras imporão sua língua a toda uma época (LOTMAN, 2021, p. 97).

É nesse sentido, a importância da transmutação nos modelos de gestão daquelas indústrias tradicionais da cultura. Não parece evidente, que o novo está apenas em estado de entorpecimento momentâneo latente à noosfera. Tudo isso deixa claro a importância de se apreender os mecanismos criativos da noosfera em complexidade. De fato, pois é ele o espaço de movimentos imprevisíveis, o qual situam tanto os eventos possíveis quanto os impossíveis até a iminência da explosão. A geração do novo, informação nova, novos sentidos, novos modos de ver o mundo é uma constante permanente em virtude da atmosfera de complexidade e imprevisibilidade da noosfera. Ou seja, uma atmosfera de uma deslocação progressiva que articula perturbações e rupturas em uma vigorosa interação.

É preciso notar, sobretudo, que o pensamento criativo, naquelas indústrias da cultura tradicional, as quais formam o arcabouço da Economia Criativa, suscita uma urgente reforma em virtude dessa noosfera em complexidade. Um pensamento dependente da complexidade do modo de organização das ideias. Com efeito, a emergência de uma criatividade rizomática digital.

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18).

Rizomática, assim, na medida em que as alteridades criativas emergem de qualquer lugar. Digital na medida em que se estabelece a potência de apropriação, transformação e circulação dessas alteridades criativas em escala global. Não surpreende, portanto, um desfalecimento

da criatividade institucionalizada, ou seja, uma crise no modo criativo vigente suscitado pelas inovações disruptivas na noosfera em complexidade. De fato, a indústria da cultura tradicional ainda se estabelece em uma criatividade analógica, cuja criatividade é analítica cartesiana, lógica linear, conceitual e recorrente. “A arte do tipo aqui caracterizado desenvolve-se em períodos de dinamismo gradual e até certo ponto previsível. Nesse período, a demanda por inovação (isto é, o imprevisível) não parece essencial” (LOTMAN, 20021, p. 208). É dessa forma que se torna velada aquela complexidade intrínseca à noosfera na Economia Criativa.

Em períodos históricos relativamente pacíficos quando a duração cronológica de um estágio de desenvolvimento é aproximadamente equivalente ao período da atividade biológica de geração, ou quando a excede, o movimento evolucionário passa despercebido. Cria-se a ilusão de imutabilidade da vida. E isso, por sua vez, afeta a consciência dos indivíduos dessa época, engendrando mecanismos de frenagem. Um círculo vicioso é produzido: o movimento evolutivo retardado gera imagens ideais estáticas, as quais, por sua vez, retardam ainda mais o movimento dinâmico. Não obstante, tal inércia do retardamento também produz o exato efeito oposto: a inevitabilidade da explosão (LOTMAN, 20021, p. 208-209).

Analisando isso com maior cuidado, trata-se, na verdade, da seguinte situação: até então, as indústrias da cultura tradicional viviam em um período de evolução gradual, de mudanças graduais. Sendo assim, os modelos de gestão e criatividade eram e são organizados inteiramente em modelos ciclos, graduais e repetitivos. É preciso admitir, entretanto, que agora se está imerso em momentos explosivos. Trata-se, certamente, de um contexto de processos imprevisíveis, os quais não podem ser arrostados como se estivéssemos em um período de evolução gradual. A gestão da Economia Criativa deve se configurar em processos assimétricos. “Processos assimétricos geram o novo e, como consequência, são esses processos que contêm o mecanismo para a produção dinâmica de sentido” (LOTMAN, 20021, p. 191). Nota-se que essa configuração coaduna com os processos criativos na noosfera em complexidade. “A

ARTIGO

criação do novo na realidade está ligada à superação da resistência do que se constituiu pela tradição. Como temos visto, isso requer um indivíduo que possa ultrapassar a fronteira das normas de comportamento” (LOTMAN, 20021, p. 198). Logo, a afeição a modelos de gestão e criatividade tradicionais denota uma tentativa de resistir à inevitável e, sob certos aspectos, derrogar a complexidade intrínseca à noosfera. Nessa medida:

Uma conexão é estabelecida aqui entre os conceitos do novo e do valor artístico. Tal situação abriga duas possibilidades. Do ponto de vista da arte tradicional, o novo, que surge como resultado de uma explosão, aparece como ‘absurdo’ e ‘incorreto’. Uma explosão para os contemporâneos é imprevisível, o que não quer dizer que ela signifique isso para os historiadores. Aquele que examina um processo explosivo a partir de uma posição retrospectiva não só descobre que nele há uma certa regularidade, como também se inclina a falar de sua inevitabilidade (LOTMAN, 20021, p. 204).

Ora, parece evidente que ao estabelecer arranjos harmônicos possíveis para gerar o inaudito, a noosfera em complexidade se insere como um modo de organização das ideias em complexidade. “(...) o trabalho na noosfera, por se situar no mais alto nível da escala de complexidade, implica novas maneiras de pensar, novos métodos, novas linguagens etc.” (HALÉVY, 2010, p. 175). Desinteressa, portanto, de uma criatividade da ordem “que é um constrangimento arbitrário imposto a esta diversidade” (MORIN, 2011b, p. 95-96), ao mesmo tempo que assume um interesse para uma criatividade em complexidade. De fato,

Saber que a complexidade gera um tecido denso e inextricável de interações muitas vezes imperceptíveis, que ligam tudo a tudo e fundam uma solidariedade e uma fraternidade concretas entre tudo o que existe. Favorece em tudo o surgimento de novas complexificações em todas as mestiçagens, todos os arranjos harmônicos possíveis, para gerar o novo, o inédito, o inaudito (HALÉVY, 2010, p. 167).

Cabe fazer notar que essa noosfera em complexidade está colocando em circulação criatividade desviantes. Ao mesmo tempo que a



criatividade institucionalizada, nas indústrias da cultura tradicional, se estabelece cada vez mais em uma opressão organizacional, mental e perceptiva, ao tentar negar a criatividade complexa intrínseca à noosfera. Seria, pois, constatar a necessidade de uma evolução constante da criatividade. Fórmulas, receitas, metodologias, antes consideradas sucessos indubitáveis, agora ecoam como anacrônicas. Trata-se, na verdade, de ao apreender a transmutação completa da noosfera, requerer, assim, uma revisão crítica daqueles determinismos criativos até então vigentes. “O que o pensamento complexo pode fazer é dar, a cada um, um memento, um lembrete, avisando: ‘Não esqueça que a realidade é mutante, não se esqueça que o novo pode surgir, e de todo modo, vai surgir’” (MORIN, 2011a, p. 83). Logo, apreendendo os processos de passagem, transformação e mudanças criativas.

A espessura das evidências foi destruída, a tranquilidade das ignorâncias foi abalada, as alternativas ordinárias perderam seu caráter absoluto, outras alternativas se desenham; a partir disso, o que a autoridade ocultou, ignorou, rejeitou, sai da sombra, enquanto que o que parecia o pedestal do conhecimento se quebra (MORIN, 2011a, p. 18).

Ao circunscrever em seu bojo de modo cada vez mais intenso, observa-se, assim, que a problemática de complexidade salienta exatamente a transmutação da noosfera a partir de inovações disruptivas advindas dessa criatividade do imprevisível. E, dessa forma, a urgência da transmutação do modo de organização das ideias, e, por conseguinte, do pensamento criativo na Economia Criativa.

Na noosfera, as linguagens lineares clássicas serão esquecidas e substituídas por linguagens simbólicas e metafóricas infinitamente mais potentes. É preciso encontrar agora essa enorme energia mental necessária para criar novos sistemas autônomos de pensamento simbólico, para que possam proliferar, como pioneiros da noosfera em devir (HALÉVY, 2010, p. 203-204).

Assim sendo, a noosfera se insere em tamanha complexidade que não basta mais apenas melhorar o pensamento criativo existente. Trata-se

de uma ruptura radical com o modo criativo vigente. “A noosfera é o lugar de uma dinâmica, de uma fermentação criativa permanente, que se alimenta das vivências brutas que vêm das camadas inferiores e, ao mesmo tempo, das operações de associação e de estruturação aplicadas às próprias ideias” (HALÉVY, 2010, p. 76). A problemática de complexidade ressalta a necessidade de novas ferramentas, novos métodos, novos conceitos criativos, sob pena de se sucumbir as inovações disruptivas advindas da noosfera. Nesse sentido, esta nos insere em uma atmosfera de estruturas deslocadas.

Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade de centros de poder’. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’ (HALL, 2006, p. 16-17).

Observa-se que tal cenário desarticula as identidades criativas estáveis do passado, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de novas articulações. Por certo, uma transmutação da ordem simbólica criativa. Por isso: “Precisamos enfrentar a complexidade antropossocial, e não dissolvê-la ou ocultá-la” (MORIN, 2011a, p. 14). Importa salientar, com efeito, que aquela necessidade de transmutação dos modos de gestão e criatividade na Economia Criativa se deve exatamente pelo nível de complexidade, o qual é muito superior ao mundo simplório, previsível e repetitivo no qual a sociedade industrial nos fazia crer. Logo, “novidade disruptiva e singularidade irreduzível, entretanto, são fenômenos a serem explicados, na medida em que sejam explicáveis, apenas em referência ao processo singular pelo qual tal novidade e singularidade vieram a ser” (COLAPIETRO, 2016, p. 55). Em outras palavras, a dinâmica dos mecanismos imprevisíveis de criatividade intrínsecos à noosfera.

## Considerações finais

Indubitavelmente, o desafio que se estabelece é em que medida as indústrias da cultura tradicional, as quais formam parte do arcabouço da Economia Criativa, irão se engendrar em face da noosfera em complexidade? Em outras palavras, como irão inserir a inovação disruptiva nos seus modos de gestão e de criatividade. De fato, em um contexto no qual se gestam incertezas; uma ascensão determinante de uma economia da atenção; a competição com a criatividade descompromissada, ao mesmo tempo atraente, sob certos aspectos, da prática social ordinária; as transformações comportamentais suscitadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, como as plataformas de mídias digitais e pelas redes sociais digitais, nos levam a questionar se os modos de gestão e criatividade vigentes são ainda pertinentes para se basilar diante desse cenário; ou se faz uma urgente constatação de que se está imerso, agora, em um noosfera em complexidade. Esta requer uma problemática de complexidade na medida em que se requer apreender quais as consequências de uma atmosfera como essa. Trata-se, certamente, do incitamento de outras explorações teóricas, e que sejam capazes de novos instrumentos investigativos e criativos. A criatividade agora tem que ser pensada em um ecossistema colaborativo, hiperconectado e descentralizado, ou seja, uma criatividade rizomática digital. De fato, as inúmeras interações ocasionadas na noosfera fomentam um atritar de fronteiras criativas, as quais suscitam explosões de inovações disruptivas. Por certo, a dilatação da área de abrangência da noosfera através de produtos e formatos inauditos é uma questão de tempo. Ao mesmo tempo que coloca a indústria da cultura tradicional, cuja a configuração ocasiona o arcabouço da Economia Criativa, em uma urgente revisão crítica dos seus modos de gestão e da sua criatividade.

## Referências

- APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- ABRANCHES, S. *A Era do imprevisto. A grande transição do século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BRASÍLIA. Secretaria da Economia Criativa/Minc. *Relatório de economia criativa 2010: economia criativa, uma opção de desenvolvimento*. São Paulo: Itaú Cultural, 2012.
- BURKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.
- COLAPIETRO, V. M. Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas. In: PINHEIRO, A.; SALLES, C. A. *Jornalismo expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados*. São Paulo: Intermeios; PUC-SP, 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- GREFFE, X. *A economia artisticamente criativa. Arte, mercado, sociedade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2015.
- HALÉVY, M. *A Era do conhecimento. Princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KURZWEIL, R. *A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia*. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2018.
- LOTMAN, I. *Mecanismos imprevisíveis da cultura*. São Paulo: Hucitec, 2021.
- MACHADO, I. Prefácio à edição brasileira. Semiótica da imprevisibilidade e dos mecanismos assimétricos da cultura. In: LOTMAN, I. *Mecanismos imprevisíveis da cultura*. São Paulo: Hucitec, 2021.
- MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MORIN, E. *O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2011a.
- TEILHARD DE CHARDIN, P. *O fenômeno humano*. Porto, Portugal: Livraria Tavares Martins, 1970.

## Sobre o autor

Romilson Marco dos Santos – Doutor em Comunicação e Semiótica, egresso da PUC-SP, tem publicado em revistas científicas qualificadas.

---

Data de submissão: 12/06/2023

Data de aceite: 12/11/2023